

## As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar: analisando resultados de duas pesquisas convergentes<sup>1</sup>.

Luiz Alexandre da Silva Rosado<sup>2</sup>; Vitor Manuel Nabais Tomé<sup>3</sup>

### Resumo

O fenômeno das redes sociais online é marcante na atual fase da internet 2.0, crescendo vertiginosamente a partir do ano 2005 com a adesão majoritária de jovens, que os acessam por computadores fixos e móveis, em plataformas dos mais variados tipos. Através delas trocam mensagens e compartilham conteúdos os mais diversos. Diante desse cenário, a partir de duas pesquisas convergentes, o artigo pretende discutir os usos e apropriações das redes sociais online por jovens alunos do ensino fundamental e médio e destacar os pontos mais pertinentes para a atual fase da internet nos contextos pessoal, familiar e escolar. Inspirados em modelo de pesquisa elaborado na Itália, foram aplicados questionários com 404 alunos brasileiros de 8 escolas no Rio de Janeiro e 549 alunos portugueses de 11 escolas na região portuguesa de Castelo Branco. Com esta rica empiria verificou-se em que pontos os jovens se aproximam dos ideais de uma nova subjetividade (o leitor imerso nas novas mídias) e de um jovem naturalmente afeito aos suportes digitais (o nativo digital).

### Palavras-chave

Redes sociais na internet; jovens alunos; apropriações e usos.

### 1. Introduzindo o contexto de duas pesquisas convergentes.

A motivação inicial para a escrita desse artigo veio da convergência de interesses e de métodos de pesquisa. Por um lado, o grupo de pesquisa *Jovens em Rede* (JER), do Departamento de Educação da PUC-Rio, propôs junto ao CNPq uma pesquisa com três anos de duração (2011-2014), denominada “Mídias sociais e relacionamento pais e filhos: determinantes psicossociais e estratégias educativas”. Parte dela se realizou com jovens alunos do ensino fundamental e médio com a finalidade de mapear seus perfis de uso de redes sociais e a relação desse perfil com sua família.

Em contrapartida, o pesquisador Vitor Tomé, com o apoio da *Fundação para a Ciência e a Tecnologia*, instituição do Ministério da Educação e Ciência de Portugal, propôs para o seu período de pós-doutoramento na Universidade do Algarve uma pesquisa sobre o uso de redes sociais na internet, tendo como sujeitos participantes

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Eixo 1 – Educação e Processos de Aprendizagem e Cognição do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

<sup>2</sup> Doutor em Educação, Professor na Universidade Estácio de Sá e Pesquisador do grupo Jovens em Rede na PUC-Rio. Contato: [alexandre.rosado@globocom](mailto:alexandre.rosado@globocom)

<sup>3</sup> Doutor em Educação, Professor na Universidade Nova de Lisboa e Pesquisador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve, Portugal. Contato: [vitor@rvj.pt](mailto:vitor@rvj.pt)

jovens de escolas portuguesas. A pesquisa foi denominada “As redes sociais e a nova literacia dos media”.

Os instrumentos aplicados nas duas pesquisas (questionários) se cruzam a partir do CREMIT, o *Centro di Ricerca sull’Educazione ai Media all’Informazione e ala Tecnologia*, localizado em Milão (Itália) na *Università Cattolica del Sacro Cuore* (UNICATT), que inspirou a elaboração do questionário aplicado pelo JER em escolas do Rio de Janeiro e parte daquele aplicado por Vitor Tomé em escolas da região de Castelo Branco, na parte centro-leste de Portugal. A pesquisa italiana, em fase de conclusão e publicação pelo CREMIT, foi chamada de “Family TAG: Family across generations”.

No Brasil participaram do estudo 404 alunos de 8 diferentes escolas cariocas, indo do 6º ano do Ensino Fundamental até o 2º ano do Ensino Médio (de 11 a 19 anos de idade). Eles responderam um questionário composto de 31 perguntas, sendo 13 com escalas Likert e 5 de intensidade (quanto tempo, quantas vezes). Realizou-se uma tradução do questionário da pesquisa desenvolvida pelo CREMIT, adaptando-se o conteúdo ao contexto brasileiro. Já em Portugal participaram 549 alunos distribuídos em 11 escolas de 2º e 3º Ciclos (de 10 a 18 anos de idade) que responderam um questionário de 32 perguntas, sendo 1 com escala Likert e 9 com escalas de intensidade. As duas pesquisas tem previstas uma fase de questionamento dos pais dos alunos sobre o uso de redes sociais, mas esse comparativo geracional não será abordado aqui.

A pesquisa brasileira teve como foco a relação do jovem com sua família através do novo contexto das mídias sociais, enquanto o questionário português teve como foco o uso e novos hábitos desenvolvidos pelos jovens com o uso dessas mesmas mídias para comunicação, aprendizagem com os pares e sua forma de relacionamento com outras esferas sociais a exemplo da escola e da família.

O *perfil de uso das redes sociais na internet* por esses jovens brasileiros e portugueses será o tema central desse artigo, procurando-se convergir os resultados de ambas as pesquisas e destacar os pontos mais pertinentes para a atual fase da internet no contexto escolar. Visando enriquecer o debate teórico-conceitual, nos próximos dois tópicos trataremos do contexto tecnológico atual em que se inserem os jovens nas redes sociais na internet.

## 2. O contexto tecnológico atual e as potencialidades das redes sociais na internet.

No contexto da cultura digital (ou *cibercultura*), que materialmente vem se desenvolvendo a partir da ampliação do acesso aos computadores pessoais (PCs) nos anos 1980, as *redes sociais online* ocupam atualmente o centro das atenções, especialmente a partir da metade de década de 2000<sup>4</sup> em que registraram forte crescimento de adesão e utilização, especialmente por jovens em idade escolar.

Colabora para este crescimento a *ubiquidade* das conexões (WiFi, 3G, 4G) e a maior *portabilidade/mobilidade* dos suportes (tablets, celulares), indo além do computador atrelado a um espaço geográfico fixo. Segundo Santaella (2010, p. 3) estamos na segunda fase da “cultura do computador” ou das “tecnologias do acesso”, assim “o [estágio] da conexão contínua, é constituído por uma rede móvel de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos”. O espaço urbano, incluindo a escola enquanto espaço geográfico físico, cada vez mais se cruza com o virtual no dia a dia das pessoas, e nesses espaços comunidades se formam e compartilham suas vidas, seus problemas, seus pensamentos.

O site líder no segmento de redes sociais, Facebook, atingiu no ano de 2012 a marca de 1 bilhão de pessoas inscritas (FOLHA, 2012), um sexto da população mundial, o que evidencia a sua potencialidade de conectar enorme quantidade de sujeitos e permitir a centralização do tráfego de dados em seus servidores de informação, criando uma “rede paralela” dentro da rede maior que é a internet, competindo em volume de acesso com o maior mecanismo de busca da rede, o Google.

No rastro das adaptações contínuas necessárias no volátil ramo da informática, foram também desenvolvidos aplicativos (*apps*) para celulares, tablets e modelos de televisão digital, em inúmeros sistemas operacionais (iOS, Android, Windows Phone), que permitem aos usuários inscritos estarem sempre conectados à rede social, alimentando-a com comentários, fotografias, vídeos e compartilhamento de *links*.

<sup>4</sup> No Brasil em 2004 surgiu o site de rede social *Orkut*, que rapidamente teve adesão de milhões de brasileiros. No ano de 2011 houve a virada no acesso para o site *Facebook*, tendo o Orkut caído 45% de participação para apenas 12% em 2012 (GOES, 2012). O Facebook é uma rede social em que o foco está na linha de publicação do indivíduo (*timeline*) e menos no aspecto comunitário, ponto este mais evidente na série de comunidades criadas no Orkut em que interesses e gostos pessoais eram expressos, comentados e compartilhados.

Vistas de modo mais amplo, as *redes sociais online* se integram em um amplo conjunto de tipologias de websites (gêneros) que permitem a participação coletiva com a edição e compartilhamento de conteúdos diversos, denominados genericamente de *web 2.0*<sup>5</sup>. Exemplos são repositórios em que os espectadores comentam e criam ligações (blogs), editam textos coletivos (wikis), compartilham arquivos (torrents, P2P) e vão moldando toda uma *cultura participativa* paralela aos veículos clássicos de massa.

Do ponto de vista estrutural, a unidade básica de uma rede é o *nó*, o ponto de encontro no qual uma relação (vínculo/conexão) entre os elementos (nós) que a constituem pode ser estabelecido. No caso específico das redes sociais online, elas permitem a explicitação de vínculos, entendidos como laços sociais externalizados através de *perfis* que se interconectam, que se ligam e desenvolvem ações que os mantêm em contato. Um perfil pode conter fotografias e vídeos pessoais ou de terceiros, gostos culturais (filmes, músicas, livros), quantidade de amigos *linkados*, grupos de pertença, locais de visitação preferidos, coleção de postagens (linha temporal).

Nas redes sociais online são os *nós-sujeitos*, através de seus perfis, que definem a topologia da sua micro-rede, tendo o poder de permitir ou negar acesso a outro nó que solicita a ligação. Dessa forma, a rede social online não é uma rede totalmente *descentralizada* (BARAN, 1964), em *formato todos-todos* (LÉVY, 1999), em que cada nó poderia acessar livremente o outro, mas um conjunto de redes menores centralizadas (um-todos) que se descentralizam através de *pontes* de conexão entre elas (emaranhado de micro-redes). No caso do Facebook, essas pontes são simbolizadas por expressões como “amigos de amigos”, “amigos em comum” ou “grupos” sugeridos, levando o sujeito a fazer novas ligações com outros perfis existentes. Esses vínculos podem ser fortes ou fracos, a partir do grau medido pela frequência (tempo) e volume (quantidade) de informações trocadas entre dois *elementos-nós* dessa rede.

Pela facilidade de criação de vínculos através de um simples clique (baixo custo de filiação), muitos desses laços tendem a ser fracos, com redes que superam a capacidade do sujeito de manter comunicação forte com todos os laços que possui no

---

<sup>5</sup> O conceito de *Web 2.0* foi discutido por O'Reilly em seu pioneiro artigo no ano de 2005. A internet como centro para o oferecimento de serviços on-line, acessíveis em qualquer plataforma ou computador, sem necessidade de instalação local, assim como a produção de conteúdos pelos próprios usuários, com ou sem parceria de outros, caracterizam esta nova fase da internet, em que pequenos e grandes produtores de mídia convivem simultaneamente. Empresas que priorizaram a formação de bases de dados para hospedar conteúdos de autores pequenos e anônimos, incentivando sua participação, obtiveram grandes resultados financeiros e de repercussão entre internautas nesta primeira década do século XXI.

banco de dados do website, que podem chegar a centenas ou mesmo milhares de “amigos”<sup>6</sup>. Cabe enfatizar que um vínculo pode nascer e se desenvolver sem que os sujeitos jamais se encontrem pessoalmente (fisicamente), não sendo fator primordial para a constituição de um laço forte ou fraco. Existem os laços nascidos já ociosos, em redes altamente centralizadas nas quais a troca mútua de mensagens praticamente não existirá, a exemplo de “celebridades” que possuem milhões de perfis ligados ao seu, sem interagir com cada um deles, emitindo mensagens no formato um-todos.

Um perfil na rede social online representa, em geral, uma pessoa, mas pode representar também objetos culturais (filmes, músicas), de consumo (produtos), lugares (cidades, instituições, associações), movimentos sociais (partidos, grupos representativos, ideológicos) e outros *nós* não-humanos, embora sejam alimentados por interações mútuas (PRIMO, 2000), em que humanos reagem inteligentemente às mensagens trocadas, negociando significados através de textos, fotografias e vídeos. As restrições de tempo (simultaneidade) e espaço (proximidade) podem ser superadas nesses novos espaços de socialização, que registram interações assíncronas e entre *nós* geograficamente distantes.

### **3. Novas tecnologias, novos sujeitos? O jovem diante do uso das tecnologias de conexão contínua.**

Essa nova configuração das relações em redes digitais vem sendo debatida de maneira ampla ao se perceber que os sujeitos, nascidos concomitantemente ou não a esse novo contexto, mudam em algum nível a sua forma de lidar com o outro nas relações sociais desenvolvidas no cotidiano. Para Santaella (2010, p.3) “essas tecnologias estão gestando novas subjetividades em contínua mutação”, já tendo desenvolvido uma ampla análise do que veio a chamar de *leitor imersivo* (idem, 2004), um leitor que navega nesses novos espaços através de *hiperlinks* e alterna entre dados de maneira instantânea e independente do deslocamento do corpo até esses artefatos.

<sup>6</sup> Shirky (2012) chama atenção para a drástica queda no custo de criação de grupos e ingresso em outros já existentes, custo aqui entendido como tempo, deslocamento, criação de infra-estrutura para sua existência e manutenção. Com as redes sociais, um espaço de fácil filiação e manutenção foi criado para que as pessoas se associem e possam cumprir inúmeros tipos de tarefas coletivamente.

Nesse processo, os jovens parecem ser os que se adaptam e mudam de maneira mais veloz em relação a outros segmentos etários, participando e intervindo, em maior ou em menor grau, nos discursos e negociações presentes nessas comunidades formadas na rede internet. Atividades simultâneas (multitarefa), leitura rápida e randômica de assuntos diversificados, jogos de computador e celulares permanentemente conectados à internet caracterizam os jovens dessa geração, na visão de Santaella (2010).

Diante de tal cenário, em mutação constante, pais, educadores e instituições de ensino se perguntam: como entrar em espaços tão ricamente habitados pelos jovens-alunos, emergidos em poucos anos de maneira super-acelerada, e tão facilmente acessíveis através de inúmeros artefatos-suportes digitais? O *desnível experiencial* entre as gerações se torna um obstáculo e novos códigos e formas de lidar com a informação são rapidamente formados pelos mais jovens em redes que muitos pais e professores desconhecem. É preciso então conhecer o comportamento dos jovens nesses espaços de socialização, pergunta essa que em parte tentaremos responder nesse artigo.

Para Jenkins (LIMA, 2010) “quaisquer alterações que ocorrem no nível da cultura e da tecnologia começam a ser divulgadas a partir dos jovens”, sendo este protagonismo juvenil também intuído por Prensky (2001) a partir de sua dicotomia *nativo* e *imigrante* digital, quando afirma que novas tecnologias digitais estão formando um outro tipo de sujeito muito mais adaptado e que naturalizou o uso dos suportes digitais em seu cotidiano.

Para ele, o modo de pensar na *geração digital* (nascida após os anos 80) é completamente diferente das anteriores, um novo modo de processar informação moldado por uma alta carga experiencial com videogames, programas de TV e uso do computador e dispositivos móveis conectados, corroborando a abordagem de Santaella (2004, 2010). Do ponto de vista educacional, segundo Prensky (2001), o mais preocupante é que esses jovens estão recebendo uma educação criada a partir da cultura formada com os suportes analógicos, impressos ou eletrônicos de transmissão massiva, voltada à memorização, ao uso de testes e ensino passo a passo, não compatíveis com este novo modo de agir e pensar dos *nativos*.

Nesta mesma linha de pensamento, Santaella (2010) alerta que o modo de aprendizagem surgido com os suportes digitais móveis é *ubíquo*, mais *caótico* e atende à necessidade informacional assim que ela surge. Para a autora, é necessário entender

que a nova modalidade de *aprendizagem ubíqua* extrapola a clássica dupla ensino-aprendizagem, mesmo quando nos referimos à já estabelecida EaD massiva, pois os artefatos digitais móveis e de conexão contínua permitem formas de acesso às informações que dispensam totalmente a intermediação de instituições formais.

O protagonismo do jovem é confirmado pelo relatório do *Comitê Gestor da Internet* (CGI-BR, 2012), que aponta as faixas etárias predominantes no acesso à internet no Brasil: 10 a 15 anos (65% acessam) e 16 aos 24 anos (64% acessam), caindo significativamente nas faixas acima dos 40 anos de idade. Percebe-se que os jovens são os que mais rapidamente adotam os novos suportes de configuração digital, especialmente os das classes A, B e C dos grandes centros urbanos (juventude cidadina). Idêntica situação ocorre em Portugal, que apresenta uma das maiores taxas de primeira utilização de Internet na Europa, sendo que 93% dos jovens de 9 a 16 anos têm acesso à Internet em casa, 67% dos quais no quarto (PONTE & JORGE, 2012).

Em 2012 o número de celulares no Brasil alcançou a cifra de 256 milhões (LANDIM, 2012), mais de um para cada habitante, evidenciando a presença massiva dos suportes móveis no cotidiano da população, especialmente dos mais jovens que trazem as redes sociais para junto de si o tempo todo. O site Facebook informou que a média de idade dos seus 1 bilhão de usuários era de somente 22 anos e que 60% deles acessavam a rede social por suportes digitais móveis (FOLHA, 2012).

Quanto ao contexto local, sabemos do alto percentual de jovens e adultos ainda fora da cultura formada pelo uso dos suportes digitais, a exclusão digital, mas que rapidamente estão sendo incluídos. Em termos percentuais, o Relatório do CGI-BR (2012) apontava um rápido crescimento do acesso a computadores no Brasil (2005: 17% e 2010: 39%), assim como à internet (2005: 13% e 2010: 27%). Embora ainda deficitário, o acesso vem permitindo que a geração digital, relatada por Prensky há uma década atrás nos EUA, seja cada vez mais realidade em solo brasileiro e em países de menor expressão econômica na Europa, como é o caso de Portugal.

A partir do entendimento das suas potencialidades (recursos) e do atual contexto tecnológico podemos compreender melhor agora os dados encontrados junto aos alunos brasileiros e portugueses, dados esses que podem apontar de maneira mais precisa o perfil “digital” e de uso das redes sociais online pelos jovens estudantes que chegam às nossas escolas.

#### 4. Análise dos principais resultados convergentes: o que os alunos portugueses e brasileiros tem a nos dizer sobre o uso de redes sociais online<sup>7</sup>?

Embora o discurso sobre a mobilidade dos suportes e ubiquidade do acesso à rede internet seja hoje a tendência teórica, em 2012 os alunos brasileiros e portugueses relataram acessar a internet, e conseqüentemente as redes sociais, *majoritariamente via computadores fixos ou portáteis* (pt=97,1%; br=82%<sup>8</sup>), fossem pessoais ou compartilhados pela família. Os *tablets* ainda eram raros entre os jovens brasileiros, com 14,9% os possuindo e 14% dos portugueses os utilizando para acessar as redes sociais. Os celulares eram utilizados por 48,5% dos alunos brasileiros para acessar as redes sociais, enquanto pelos portugueses o percentual caía para 29%. Talvez o baixo uso de dispositivos móveis seja resultante do maior controle dos pais portugueses sobre o acesso dos seus filhos, estando ainda, tal como no Brasil, esse acesso limitado pelo preço de acesso e navegação na Internet, pois 53% dos lares com crianças em idade escolar têm baixos recursos financeiros (PONTE & JORGE, 2012).

Quanto ao papel da escola nesse acesso, as duas pesquisas apontaram para a baixa participação. *A escola era pouco utilizada para acesso às redes sociais* (pt=3,8%; br=5,2%), evidenciando a distância do ambiente de educação formal das novas ambiências que os jovens vem utilizando através de suportes fixos (em casa principalmente) e móveis. *A biblioteca escolar tem um papel praticamente nulo*, com cerca de 2% de participação no acesso nos dois países. Os dados indicam que o aspecto potencialmente educacional no uso das redes sociais para atividades escolares, o ato de trazer e incorporar a ambiência comunicacional dos “nativos digitais” tal como Prensky (2001) recomenda, não vem sendo adotado nas escolas. No caso português, segundo dados recolhidos junto dos docentes inquiridos, a utilização de redes sociais por alunos está mesmo proibida em cinco das 11 escolas participantes do estudo.

<sup>7</sup> Não serão privilegiados aqui percentuais obtidos na pesquisa, mas as conclusões retiradas dos dados a partir da apreensão dos mesmos. Quando pertinente, eles serão expostos em detalhes. Todos foram tratados em SPSS a partir de questionários impressos preenchidos tanto no Brasil quanto em Portugal.

<sup>8</sup> Para distinguir as estatísticas provenientes da pesquisa feita no Brasil e em Portugal, para cada percentual ou número resultante dos dados analisado serão utilizadas as abreviaturas “br” para Brasil e “pt” para Portugal.



Ainda sobre o acesso, os dados da pesquisa em Portugal e no Brasil apontaram para a *lógica do multiacesso*, ou seja, *os jovens relataram lançar mão de vários suportes para se conectar à redes sociais* (pt=47%), alternando entre eles ao longo do tempo, sendo mais frequentes as combinações entre computador pessoal e celular (pt=12%) e entre computador da família e o pessoal (pt=8%). No Brasil as principais combinações foram computador de casa e celular (br=10%) e computador de casa, da casa de amigos, celular e computador móvel (br=9,5%). Esse fato reforça a ideia de que outro tipo de leitura midiática, a simultânea e multimeios, vem se desenvolvendo com essa geração. A criação de aplicativos multiplataforma também facilita a continuidade do que se começou em um suporte para que seja terminada em outro.

A *faixa etária se mostrou variável fundamental para a definição dos modos de acesso* aos suportes e seus recursos. Notou-se no caso dos alunos portugueses que ao irem avançando de idade (a partir dos 10 anos), mais independentes foram ficando no acesso. Isso significa que o uso de computador da família vai aos poucos migrando para o uso de computador pessoal e de celular. A tendência se mostrou a mesma no caso dos alunos brasileiros, com o uso do celular para acesso às redes sociais aumentando de 30% (alunos com 12 anos) para 66% com os alunos de 18 anos de idade, embora o uso do computador de casa não tenha caído (na pesquisa brasileira não se considerou a posse familiar ou individual do computador).

O *uso de redes sociais medido pelos que declararam acessar perfis online foi muito alto* nos dois países (pt=91%; br=93%), sendo o Facebook o site predominante (pt=91%; br=85%). O segundo lugar se diferenciou, até mesmo porque na pesquisa brasileira o Orkut (br=71%) aparecia na listagem de opções enquanto que na portuguesa era o Youtube (pt=87%). O fato é que grande parte dos jovens dos dois países declaram um alto acesso a essas redes, incluindo uma alta frequência diária (Facebook em pt todos os dias=38,5% e Redes sociais em geral no br=45,5% todos os dias), assim como um uso simultâneo de redes diferentes, *uma lógica de multiperfil*.

Se o acesso se mostrou alto, a quantidade do que é produzido e compartilhado pelos alunos (produto autoral) se mostrou baixa, apesar da disponibilidade dos recursos próprios para gravação e edição multimídia em celulares e tablets. *Os jovens da pesquisa portuguesa mostraram que publicam mais as produções de terceiros do que as de sua própria autoria*. A maioria deles relataram nunca publicar vídeo (pt=72%) e

áudio (74,5%) próprios, sendo bem mais baixo o percentual quando se trata de fotografias próprias (pt=34,6%).

A situação muda quando os conteúdos de terceiros são compartilhados (pt nunca compartilho=31,9% foto; 40,9% vídeo; 54,6% áudio). A faixa etária influencia significativamente a publicação de fotografias de autoria própria, indo de 68,4% que nunca as publicam aos 10 anos de idade para apenas 21,1% que nunca as publicam aos 15 anos de idade. Também a medida que a idade aumenta, mais se publicam vídeos e áudios de terceiros.

Quanto às *mensagens textuais*, elas estão no topo dos conteúdos compartilhados pelos jovens portugueses, atividade declarada por 73,4% deles, sendo seguida pelo compartilhamento de notícias e acontecimentos atuais considerados importantes. Dessa forma, *as redes sociais assumem um papel importante para a formação em conhecimentos gerais dos jovens*, os levando a ler, ver e ouvir aquilo que os amigos indicam, formando uma rede dinâmica de recomendações que cresce em volume à medida que avançam em idade.

Quanto ao tempo em que estão nas redes sociais, *grande parte chegou bem recentemente*. Os alunos brasileiros estão a menos de 1 ano (br=42%) ou entre 1 e 3 anos (br=37,5%), algo semelhante aos alunos portugueses que criaram seus perfis (pt=49%) nos anos de 2010 e 2011. Como era de se esperar, quanto menor a idade, mais recente é a criação do perfil. Esse dado mostra que o jovem é altamente aberto a inovações tecnológicas, tal como foi intuído por Jenkins, visto que apesar da pouca idade das redes sociais (surgem em 2004), elas se tornaram rapidamente um meio de convivência utilizado pela maioria dos jovens participantes do estudo.

Apesar da limitação para a criação de perfil estipulada em 13 anos de idade no Facebook (e em outras redes como Orkut e LinkedIn), muitos *jovens brasileiros e portugueses afirmaram terem criado seus perfis com 12 anos ou menos* (alguns chegam aos 7 anos de idade), evidenciando que os controles formais nesses sites não vem sendo eficazes a ponto de inibir o acesso de adolescentes e crianças. As redes sociais se tornaram ambientes de convivência para os jovens e os que tem menos de 13 anos não se sentem inibidos em entrar para conviver com seus amigos.

O ambiente das redes sociais é tão natural aos jovens (“nativos”) que *eles não parecem se importar, em parte, com a revelação de dados pessoais*, sejam expressos

pelo nome de sua escola (pt=46,3%), pelo endereço (pt=31,9%) e nome próprio completo (pt=30,6%). Os alunos brasileiros declaram utilizar, predominantemente, imagens do próprio rosto para se identificar nas redes sociais (br=55%) ou com familiares e amigos no cotidiano (br=11,5%). No caso dos alunos portugueses foi detectado que o grau de privacidade vai caindo a medida que a idade avança, pois o jovem tende a divulgar mais fotografias de si e a falar mais o nome de sua escola.

Já o volume total de conexões na rede social se mostrou alto, mas não muito mais alto do que as ligações (laços fortes e fracos) que fazemos em um grande centro urbano ao longo de nossas vidas. No caso brasileiro, 56,1% dos alunos declararam possuir até 300 amigos, próximo aos dados detectados pela pesquisa em Portugal (pt=61% até 300 amigos). Os alunos brasileiros, quando perguntados quantos deles conheciam pessoalmente, cerca de um terço (br=31%) declarou conhecer até 100 deles e 22% até 200; já 41,7% dos alunos portugueses diziam conhecer a maior parte. Cerca de 51% dos alunos portugueses afirmaram terem aceitado como amigos pessoas que não conheciam pessoalmente, percentual que progride a medida que a idade aumenta.

Apesar disso, a pesquisa portuguesa demonstrou que *esses desconhecidos eram pessoas próximas*, sejam outros alunos da escola em que estudavam, amigos de amigos, vizinhos e mesmo meninas ou meninos que pareceram simpáticos por uma fotografia postada ou por ter a mesma idade. *O mundo escolar e comunitário vivido presencialmente influencia fortemente os laços estabelecidos nas redes sociais online*; elas atuam de maneira fundamental na extensão das amizades cultivadas no ambiente escolar, sendo que 90% dos alunos portugueses admitiram seu uso para comunicação com outros alunos de sua escola após o período de aulas, aumentando o contato a medida que avançam em idade.

Essa familiaridade pelo contato presencial também foi corroborada quando se verificou que, entre os alunos portugueses, os comentários feitos dentro de postagens sobre amigos que conheciam pessoalmente era de 70,3%, enquanto sobre amigos que apenas conheciam online caía para 20%. O percentual caía também para os comentários feitos em mensagens postadas por ídolos (personalidades públicas como atores e jogadores de futebol), que não mantinham contato direto e pessoal (pt=56,4%) com aqueles que os seguiam (redes no formato um-todos).

Isso demonstra que a facilidade de criar laços nas redes sociais (baixo custo de filiação) leva os jovens a adicionar muitos “amigos” mesmo que ao longo do tempo não mantenha um laço de amizade forte com todos eles (trocas frequentes), mas simplesmente como um nome em uma agenda de contatos. A pesquisa portuguesa indicou mais uma vez que a idade é um fator relevante, pois *a medida que crescem os alunos aumentam o número de amigos* (laços) nas redes sociais, passando da faixa de menos de 100 para a faixa entre 300 e 500, ocorrendo uma virada entre os 12 e 13 anos de idade. Quando replicada esta hipótese com os alunos brasileiros, observou-se também queda significativa dos alunos que tinham até 100 amigos a medida que a idade avançava, especialmente a partir dos 13 anos de idade.

E quanto à família? Em Portugal mais da metade dos alunos (pt=52,6%) disseram ser amigos dos pais na rede social que mais usam, semelhante aos alunos brasileiros que tem em primeiro lugar a mãe presente em sua rede (br=47,3%) seguida pelo pai (br=33,7%). Tais percentuais não estão muito distantes dos alunos portugueses que tem professores adicionados em seus perfis (pt=43,2%). A pesquisa brasileira apontou também que *as relações horizontais, com pessoas de faixa etária aproximada, predominaram*, sendo demonstradas pelo alto percentual de primos (br=80,4%) e irmãos (br=62,9%) presentes nas redes sociais dos alunos.

Quando a presença do perfil de pais e professores nas redes dos jovens alunos se traduz em mensagens e conversas por bate-papo online (chat), o percentual é muito mais baixo do que a comunicação com amigos que conhece pessoalmente (pt=nunca troco mensagens com pais=57,2%; professores=77,8% e amigos=3,2%), reforçando as relações horizontais nesses espaços. Importante notar que este contato com os pais vai caindo significativamente a medida que a idade dos alunos portugueses avança.

Esses dados demonstram que *está havendo uma entrada significativa dos “migrantes digitais” nos espaços frequentados pelos nativos*, colaborando para a diminuição de ideias preconcebidas sobre as redes sociais por parte dos adultos<sup>9</sup>, se

<sup>9</sup> Muitas dessas ideias foram apresentadas no artigo de Rosado & Martins (2013) que classificou as visões dos pais em dois extremos, um positivo e um negativo, dicotomia próxima daquela expressa pela grande mídia em jornais e revistas e pela própria academia tal como apontado por Breton (2000). Entre elas estão as ideias de *medo, preocupação, proibição, orientação controle e vigilância* categorizadas a partir de respostas abertas de 90 pais de alunos a respeito das redes sociais, com ou sem perfil nas mesmas. A maioria das *visões negativas* expressas vieram daqueles que nunca a utilizaram em seu cotidiano (28% do total). Conclui-se que com o passar do tempo e a maior imersão e inserção efetiva em tais ambientes online essas visões tendem a se ajustar melhor às vivências cotidianas, incluindo os momentos de entretenimento e lazer.

aproximando da experiência vivenciada pelos filhos, mas ainda com enorme distanciamento em relação ao volume de mensagens trocadas pelos jovens com aqueles da mesma faixa etária. No caso dos alunos portugueses que não tinham os pais como amigos na rede social, quando perguntados sobre a razão, 66,4%, dos 122 que responderam, afirmaram que os mesmos não tinham um perfil criado e 38,5% não os queriam de fato. Dessa forma, *existe uma demanda significativa de participação dos pais nas redes sociais dos filhos que ainda não foi atendida*, talvez pela própria auto-exclusão de pais e professores desses espaços de convivência.

## 5. Tecendo algumas conclusões

Este artigo procurou definir em que pontos os jovens alunos participantes das pesquisas no Brasil e em Portugal se aproximam desse novo perfil geracional suposto por autores como Jenkins, Prensky e Santaella.

De fato, essa geração se mostrou nativa dos ambientes digitais, pelo alto grau de participação nas redes sociais, principalmente na comunicação com os pares da mesma idade e que pertencem ao convívio comunitário e da escola. Os "migrantes digitais", sejam institucionais (escola e família) ou sujeitos (professores e pais) se encontram relativamente longe desses jovens, que declaram pouco interagirem com os mesmos nos espaços online. A escola e a biblioteca tradicionais não são espaços de acesso às redes sociais na internet, utilizadas principalmente a partir de suas casas (computador pessoal ou da família) ou de seus dispositivos móveis, quando os tem.

As duas pesquisas detectaram novos hábitos dos jovens alunos, como o uso de múltiplos dispositivos para acessar as redes sociais, e de múltiplos perfis utilizados em diversas redes aos quais se filiam. O baixo custo de filiação, já apontado por Shirky como fator primordial das redes da web 2.0, foi percebido pelo alto número de amigos que os jovens declararam não ter conhecido pessoalmente, mas que se conectaram através das redes sociais na internet.

Existe uma forte influência do fator idade para a definição do aprofundamento nos usos das redes sociais online pelos jovens. A medida que vão amadurecendo, mais amigos vão sendo feitos (laços fracos), mais amizades fora do espaço de convivência

presencial vão sendo tecidas e diminui a comunicação com pais e professores. Eles vão se tornando mais independentes e passam a acessar as redes via celular e computador pessoal, entrando aos poucos na lógica do multiacesso e da mobilidade, e publicando conteúdos próprios com mais frequência. Apesar da forte participação nas redes, os jovens tendem mais a reproduzir e compartilhar conteúdos de terceiros do que produzir seus próprios. Produção de vídeos e audios não é prioritária para eles, que postam mais conteúdos na forma de mensagens textuais e fotográficas.

Diante de tal cenário, recomendamos às escolas que ampliem suas políticas de uso de redes sociais na internet, especialmente no incentivo para a produção autoral dos alunos (produção fotográfica, de áudio e de vídeo) e no aprofundamento de conteúdos que podem ser pesquisados, postados e debatidos nas redes e comunidades criadas nesses espaços de socialização.

A pesquisa já demonstrou que notícias e atualidades são compartilhadas e pautam seus interesses nas redes sociais, cabendo à escola utilizar mais esse recurso em suas atividades, se aproximando do cotidiano dos jovens, sem que para isso perca suas funções primordiais como instituição. Sabemos que fenômenos como as redes sociais surgem e se alastram rapidamente e que grande parte desses jovens entraram nas mesmas em um curto período de 3 anos, sendo necessário que escolas, pais e professores conheçam o que seus filhos fazem nas redes, mas sobretudo se familiarizem e as utilizem em seu cotidiano, pois são nesses novos espaços que a subjetividade e a sociabilidade de seus alunos/filhos estão sendo construídas, cada vez mais cedo.

### Referências bibliográficas

BARAN, Paul. **On distributed communications: I. Introduction to distributed communications networks**. Memorandum RM-3420-PR. Santa Mônica: The Rand Corporation, 1964.

BRETON, Philippe. **Le culte de l'Internet: uma menace pour le lien social?** Paris: La Découverte, 2000.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil – TICs Provedores**. [2012]. São Paulo, Brasil: CGI-BR. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-provedores-2011.pdf>>. Acesso em 09 janeiro 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Facebook mostra o raio-x de 1 bilhão de usuários.** [2012]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/1163808-facebook-mostra-o-raio-x-de-1-bilhao-de-usuarios.shtml>>. Acesso em 27 agosto 2013.

GOES, Gisele. **Facebook continua líder e Orkut teve a maior queda no Brasil, revela estudo.** [2012]. Techtudo. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/08/facebook-continua-lider-e-orkut-teve-a-maior-queda-no-brasil-revela-estudo.html>>. Acesso em 10 janeiro 2013.

PONTE, Cristina; JORGE, Ana. [2012]. Portugal. In: HADDON, Leslie & LIVINGSTONE, Sonia. **EU Kids Online: National perspectives.** London: London School of Economics, pp. 51-52. Disponível em: <<http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20III/Reports/PerspectivesReport.pdf>>. Acesso em 1 setembro 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** [Cyberculture]. Trans. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1999.

LIMA, Christina. **Henry Jenkins: 'a cultura digital mistura cultura popular com conteúdo da cultura de massa'.** [2010]. Nós da Comunicação. Disponível em: <[http://www.nosdacomunicacao.com.br/panorama\\_interna.asp?panorama=328&tipo=E](http://www.nosdacomunicacao.com.br/panorama_interna.asp?panorama=328&tipo=E)>. Acesso em 27 agosto 2013.

O'REILLY, Tim. **What is web 2.0. Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software.** [2005]. Disponível em: <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em 27 agosto 2013.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, vol. 9, nº. 5, p. 1-6, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em 09 março 2011.

PRIMO, A. F. T. Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, v. 1, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; MARTINS, Tatiane Marques de Oliveira. **As redes sociais na internet e as visões polarizadas de pais de alunos: um estudo exploratório e qualitativo.** Seminário Internacional: As redes educativas e as tecnologias, 7., 2013. Rio de Janeiro: UERJ, 2013. 1 CD-ROM.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações.** Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **ReCeT - Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP**, v. 2, n. 1, p. 17-22, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.